

***Un Pensamiento Otro* em Augusto Roa Bastos e Culturas Condenadas**

Decolonial Thinking in Augusto Roa Bastos and Condemned Cultures

Damaris Pereira Santana Lima*

* Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS, Pioneiros, MS, 79070-900,
 e-mail: damaris.lima@ufms.br

Resumo: Este artigo apresenta a análise da obra *Culturas condenadas*, publicada em 1978 e reeditada em 2011, organizada pelo escritor paraguaio Augusto Roa Bastos (1917-2005). Nesta obra o referido autor/organizador seleciona textos fundamentais sobre a situação dos povos indígenas do Paraguai e faz uma articulação através do artigo da introdução da obra, onde há o cruzamento transversal dos conteúdos apresentados. Com esta ação, Roa Bastos demonstra ou exerce “um fazer descolonial”, já que denuncia as mazelas e o extermínio dessas culturas. Este texto objetiva-se a apresentar o escritor Augusto Roa Bastos em seu exercício político-cultural, e para isso será utilizado o referencial teórico dos Estudos Culturais, especialmente o conceito de descolonialidade do teórico Walter Dignolo. Também darão sustentação teórica ao texto, os conceitos sobre descolonialidade e fronteira de Henrique Dussel, Boaventura de Sousa Santos, entre outros. O trabalho se organiza da seguinte maneira: apresentação da obra *Culturas Condenadas*, a discussão sobre uma opção descolonial, e finalmente o comentário sobre um pensamento outro e multilinguajeo em Roa Bastos e *Culturas Condenadas*.

Palavras-chave: descolonialidade, cultura paraguaia, Roa Bastos.

Abstract: This paper presents an analysis of the work *Culturas Condenadas* (*Condemned Cultures*), published in 1978 and reedited in 2011, organized by the Paraguayan writer Augusto Roa Bastos (1917-2005). On that work, the author/organizer selects fundamental texts about the situation of Indigenous peoples of Paraguay, and articulates through the introductory article, where there is a crossing of the presented contents. With this action, Roa Bastos demonstrates or prosecutes “a decolonial act”, since he denounces the ills and the extermination of these cultures. This text aims to present the author Augusto Roa Bastos in his political-cultural exercise, and, for that, it will be used the theoretical reference of the Cultural Studies, especially the theorist Walter Dignolo’s concept of decoloniality. Beyond, as theoretical support, it will be used concepts about decoloniality and frontier from Henrique Dussel, Boaventura de Sousa Santos, and others. The work organizes as follows: presentation of the work *Culturas Condenadas*, discussion on a decolonial option, and, finally, a comment on decolonial thinking and *multilinguajeo* in Roa Bastos and *Culturas Condenadas*.

Keywords: decoloniality, Paraguayan culture, Roa Bastos.

INTRODUÇÃO

Augusto Roa Bastos foi um escritor paraguaio que além de escrever ficção foi acima de tudo um político engajado com as pautas de seu tempo. Não se faz necessário

elencar sua obra literária aqui, pois neste texto pretende-se comentar, sob a lupa dos estudos culturais, a obra de sua organização intitulada: *Las culturas condenadas*.

O texto ora apresentado tem como fundamentação teórica os conceitos de descolonialidade e pensamento fronteiriço, como um pensamento outro, do teórico latino-americano Walter Mignolo, bem como conceitos cunhados por outros teóricos, como Henrique Dussel e Boaventura de Sousa Santos.

Em *Las culturas condenadas*, Augusto Roa Bastos como compilador, reúne textos que versam sobre a situação dos povos indígenas do Paraguai, mostrando assim a sensibilidade desses povos, tanto no seu país como na América Latina. O texto de introdução é um artigo de Roa Bastos, no qual ele busca articular todos os textos compilados no transcorrer da obra.

A apresentação da obra *Culturas condenadas* ocupa a primeira parte do texto, onde há o resumo e lista dos autores ou intelectuais produtores dos conteúdos, que foram organizados/compilados por Roa Bastos, bem como o comentário do meta-artigo, introdução da obra. A seguir tem-se a apresentação do tópico que trata de uma opção descolonial, por assim dizer a opção que faz Roa Bastos ao compilar *Las culturas condenadas*. E finalmente o comentário sobre o exercício de um pensamento outro e o multilinguajeo em *Las culturas condenadas*, uma vez que a tônica da obra recai sobre a preservação de línguas indígenas do Paraguai e de algumas manifestações culturais

LAS CULTURAS CONDENADAS¹

A obra supra citada descreve através de artigos de diversos pesquisadores sobre a situação dos povos indígenas que habitam o Paraguai, vale ressaltar que esses pesquisadores, autores dos artigos compilados por Roa Bastos, são antropólogos, cartógrafos, etnógrafos e linguistas, e ademais, a maioria não são paraguaios, mas também de nacionalidade argentina, francesa, alemã e russa, mas produzem seus textos no Paraguai. São textos dos seguintes estudiosos Miguel Alberto Bartolomé, Juan Belaieff, León Cadogan, Miguel Chase-Sardi, Hélène Clastres, Pierre Clastres, Georg Grünberg, Bartolomeu Meliá, Christine Münzel e Mark Münzel.

¹ As informações desta parte estão baseadas no texto introdutório de *Las culturas condenadas*, artigo de Augusto Roa Bastos.

Segundo Augusto Roa Bastos, na introdução da seleção de textos, dita seleção está baseada em várias pesquisas do campo da etnografia e ainda que não contemplem toda a população indígena do Paraguai, apresenta parte importante do universo cultural dos grupos sobreviventes, mas irremediavelmente condenados. Para ele, baseado na proposição de Bartolomeu Meliá, estes sobreviventes *agonizan cantando su muerte y cuyos cantos son la poesía de la lucidez y de la clarividencia, densa y brillante como un diamante*. (ROA BASTOS, 2011, p. 21)

De acordo com Roa Bastos, a tragédia da escravidão e extermínio, culmina atualmente na imolação das últimas comunidades. Ele faz com isso, uma denúncia da opressão dos estratos humanos, considerados pelo poder, como inferiores, descartando, inclusive, a possibilidade de preservação de seus valores materiais e culturais, considerando que sua destruição biológica é certa, pois a intenção de civilizar o indígena levou ao seu extermínio.

El etnocidio no es pues sino la fatal consecuencia de esta ideología del privilegio y la pretendida superioridad racial – herencia del conquistador invasor – es solo una de las formas del genocidio generalizado en la actualidad, tanto en nuestro continente como en varias partes del mundo donde las “razas inferiores” padecen los desvelos de las “razas superiores” por civilizarlas, es decir, por someterlas a sus inflexibles y cruentos dictados de predominio y opresión. (ROA BASTOS, 2011p. 22)

Segundo o autor/organizador, o extermínio é algo que culmina com a imolação das últimas comunidades já que as sociedades se baseiam em regimes opressores dos estratos humanos considerados por ditas sociedades como inferiores, pois o conquistador/invasor deixou como legado maldito, a pretensão de superioridade racial, o que é uma forma de genocídio generalizado.

O meta-artigo de Roa expõe quais grupos linguísticos fazem parte da atualidade e pontua que todos os grupos indígenas atuais estão dentro do sistema inter étnico. Ademais de tratar de questões linguísticas e da sobrevivência das línguas, o texto faz referência aos cantos, aos mitos indígenas e à literatura nacional. Roa pontua, citando Meliá, sobre o valor mítico e estético e aqui vale citar:

La acertada observación puede extenderse al denso y rico universo etnocultural de los demás pueblos. Solo cabría precisar que estos cantos no tienen parangón en toda la literatura paraguaya escrita en castellano hasta el presente. Orgullosa de una tradición cultural en la que continúan actuando o predominando los vestigios de la dominación y la

dependencia o, en todo caso, los signos de una hibridación que no ha alcanzado todavía a plasmar su propio sistema y pertinencia, los textos de esta literatura mestiza escrita en castellano, segregada de sus fuentes originarias, se apagan, carecen de consistencia y de verdad poética ante los destellos sombríos de los cantos indígenas tocados por el sentimiento cosmogónico de su fin último en el corazón de sus culturas heridas de muerte. (ROA BASTOS, 2011, p. 23)

Também são tratados os temas sobre sociedade indígena versus sociedade nacional, em que continua denunciando o extermínio do indígena. No tópico seguinte que tratará sobre colonização e desintegração, Roa expõe sobre o esquema de colonização adotada pelo Brasil nas regiões de fronteiras do Paraguai, caracterizando como uma nova colonização.

Com a organização desta coletânea, Roa Bastos realiza o que propõe Henrique Dussel, quando trata do encobrimento do outro, sugerindo que agora é necessário ter nova pele, novos olhos, que não são olhos e peles que culminam na vontade do poder.

Temos de ter a pele que sofrerá tantas penúrias nas encomendas e no repartimento, que apodrecerá nas pestes dos estranhos, que será ferida até aos ossos na coluna, onde se açoitavam os escravos [...]. Temos de ter os olhos do Outro, de outro ego, de um ego de quem devemos reconstruir o processo de sua formação (como a “outra face” da Modernidade) [...]. Adotemos agora “metodicamente” a pele do índio, do africano escravo, do mestiço humilhado, do camponês empobrecido, do operário explorado, dos milhões de marginalizados amontoados pelas cidades latino-americanas contemporâneas. Façamos nossos os “olhos” do povo oprimido, desde “os de baixo”. (DUSSEL, 1993, p. 89 e 90)

Las culturas condenadas é o exercício proposto pelos estudiosos que adotam outra epistemologia, que não a proposta pela modernidade, ou seja, um a epistemologia que sugere a descolonização do conhecimento.

UMA OPÇÃO DESCOLONIAL

Por que a proposta de uma leitura baseada em uma opção descolonial? Antes de prosseguir, faz-se necessário visitar este conceito proposto pelo intelectual latino-americano Walter Mignolo. De acordo com o referido intelectual, não é mais possível trabalhar as questões da América Latina, senão por uma perspectiva outra. Provavelmente a obra de Roa já foi lida e estudada sob outras perspectivas, por isso se trata de uma opção para dito estudo. Por que opção? porque para Mignolo (2017), a descolonialidade não se

apresenta como uma verdade absoluta, que supere todas as propostas existentes, mas figura como outra opção, abrindo assim um novo modo de pensar, desvinculado das “cronologias construídas pelas novas epistemes ou paradigmas (moderno, altermoderno, ciência newtoniana, teoria quântica, teoria da relatividade, etc.). Não significa que as epistemes e os paradigmas estejam alheios ao pensamento descolonial, mas não podem mais ser considerados como referências da legitimidade epistêmica.

Segundo Mignolo, a descolonialidade é um exercício de desprender-se das opções que estão postas, ou seja, pode-se dizer que é uma terceira opção, pois não resulta da combinação das opções existentes, mas o desprendimento delas. Sobre o exposto, é legítimo dizer que Roa Bastos com a coletânea sobre as culturas condenadas, exerce um pensamento outro, pois embora o termo surja no âmbito da política e economia, percebemos no intelectual paraguaio um exercício constante de uma opção descolonial ao não aceitar as opções que lhe foram brindadas através da colonialidade e da modernidade.

Henrique Dussel em sua obra *O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*, no apêndice dois, que trata dos dois paradigmas de modernidade, define o primeiro paradigma da modernidade como positivo, que é de emancipação nacional, que abre a humanidade a um novo desenvolvimento histórico. Em seguida Dussel apresenta o segundo paradigma em que a modernidade se justifica por uma práxis irracional de violência. Segundo o teórico supracitado, neste paradigma, a modernidade tem um sentido negativo mítico e o mito seria descrito assim:

a) A civilização moderna se autocompreende como mais desenvolvida, superior (o que significará sustentar sem consciência uma posição ideologicamente eurocêntrica). b) A superioridade obriga, como exigência moral, a desenvolver os mais primitivos, rudes, bárbaros. c) O caminho do referido processo educativo de desenvolvimento deve ser o seguido pela Europa (é, de fato, um desenvolvimento unilinear e à europeia, o que determina, novamente sem consciência alguma, a “falácia desenvolvimentista”). d) Como o bárbaro se opõe ao processo civilizador, a práxis moderna deve exercer em último caso a violência, se for necessário para destruir os obstáculos de tal modernização (a guerra justa colonial). e) Esta dominação produz vítimas (de muitas variadas maneiras), violência que é interpretada como um ato inevitável, e com sentido quase ritual de sacrifício; o herói civilizador investe suas próprias vítimas do caráter de ser holocaustos de um sacrifício salvador (do colonizado, escravo africano, da mulher, da destruição ecológica da terra, etc.). f) Para o moderno, o bárbaro tem uma “culpa” (o fato de se opor ao processo civilizador) que permite que a “Modernidade” se

apresente não só como inocente, mas também como “emancipadora” dessa “culpa” de suas próprias vítimas. g) Por último, e pelo caráter “civilizatório” da “Modernidade”, são interpretados como inevitáveis os sofrimentos ou sacrifícios (os custos) da “modernização” dos outros povos “atrasados” (imaturos), das outras raças escravizáveis, do outro sexo por ser fraco, etc. (DUSSEL, 1993, p. 185 e 186)

Diante do exposto, com essa ideia de modernidade, que tem a violência e o extermínio como recursos de civilização, faz-se necessária uma opção que fuja da proposta eurocêntrica, como pontua Boaventura de Sousa Santos, no prefácio de seu texto, *Descolonizar el saber, reinventar el poder*, que haja uma epistemologia que equilibre igualdade com o princípio de reconhecimento da diferença e também que se mostre o potencial da tradução intercultural, criando alianças que fundamentem a ideia de que a compreensão do mundo é muito mais ampla do que a compreensão ocidental.

Augusto Roa Bastos é um intelectual, que com a ação de organizar *Las culturas condenadas*, e com seu meta-artigo da introdução da seleção de textos, faz uma opção descolonial, já que somente dita opção tem o poder de rechaçar o discurso moderno colonial que se estabeleceu e perpetuou em toda a América Latina, impondo a ideia de civilização e barbárie. A opção descolonial nasce a partir do *biolócus* enunciativo do intelectual, pois Roa Bastos exerce o seu fazer descolonial ao dar atenção às produções realizadas no Paraguai, por intelectuais que aí viviam e trabalhavam. Roa é sensível às produções intelectuais que descrevem a cultura de seu povo, ou seja, produções desconsideradas ou ignoradas pela razão moderna.

UM PENSAMENTO OUTRO E O MULTILINGUAJEO EM ROA BASTOS

O que seria um pensamento outro? Pode-se conceituar como algo que esteja fora da estética eurocêntrica, subalterno aos conceitos e definições da modernidade, seria um pensamento fronteiriço como pontua Walter Mignolo:

[...] el pensamiento fronterizo se sitúa en la intersección de las historias locales que promulgan diseños globales y las historias locales que se relacionan con ellos. Por eso es por lo que este pensamiento sólo puede materializarse desde una perspectiva subalterna, ya que la puesta en pie de diseños globales se ve impulsada por el deseo de homogeneidad y la necesidad implícita de hegemonía. (MIGNOLO, 2013, p. 389)

A trajetória de Augusto Roa Bastos é uma trajetória pautada pelo exercício de um pensamento fronteiriço, pois em todo o seu trabalho ficcional e como crítico é evidente um fazer que foge dos laços da homogeneização, o que é evidente em sua prática literária, que além da reflexão especificamente própria dos problemas humanos e históricos, também produz conhecimento teórico. Vale pontuar aqui, ainda que não seja esta a análise de sua obra ficcional, que para o autor, a obra literária tem o poder de recuperar as virtudes da identidade profunda de um povo. Nesse sentido sua obra contribuiu decisivamente para a construção da identidade cultural paraguaia. Além de produzir uma literatura comprometida com o ideal de transformação da realidade, não se pode deixar de levar em conta a questão do exílio que, para ele, sempre pode transformar o desterrado em algo melhor que um apátrida, ou seja, em cidadão comprometido com a realidade de seu povo e de sua terra natal. O intelectual exilado deve ter o compromisso de expressar a literatura ausente, tentando recuperar aqueles textos apagados ou esquecidos, que ainda não foram escritos. Esta é a tarefa que Roa Bastos procura cumprir com sua narrativa ficcional.

Roa Bastos entende que a obra literária adquire valor pela verdade das representações que irradia em sua concepção, devendo transcender o estético e o compromisso de denúncia. Seu valor está nas significações de sua estrutura, na busca de uma forma não consciente de si mesma.

Em sua produção artístico-intelectual sempre denunciou as mazelas do povo paraguaio, fazendo uma reflexão crítica no âmbito político-social, bem como nas questões histórico-culturais. Na seleção de textos ora analisados, vê-se o interesse do intelectual por temas puramente culturais e a tentativa da preservação da cultura, arte, língua, música, etc. Ao tratar das questões de prioridade da seleção de textos, Roa diz que:

El criterio selectivo de la muestra que aquí se ofrece se ha apoyado, no solo en la riqueza y amplitud del material recopilado, sino además en el hecho de que los cuatro grupos elegidos son los que sufren en la actualidad de un modo más directo los ataques destructores y exterminadores; en particular el grupo de los Ache contra los cuales se ha emprendido una verdadera cacería, como se verá en los estudios y en los testimonios de la parte documental. (ROA BASTOS, 2011, p. 22)

A obra faz a denúncia de que, na atualidade, ou seja, já no fim do século XX, ainda há grupos que sofrem o ataque direto de exterminadores. Ao ocupar-se da seleção dos textos de etnógrafos, antropólogos, linguistas e outros mais, tem como objetivo buscar em estudos científicos uma maneira de preservar essas culturas que foram condenadas pela estética do colonizador/conquistador.

Quando Roa se refere aos cantos e mitos indígenas versus literatura nacional ele fala, citando a Meliá, que as letras paraguaias de escrita colonial perde a força diante das vozes dos cantores Ache, pois ditos cantores agem com coerência em um universo miticamente lógico, analisando com exatidão o ataque sociocultural a que estão expostos. Estes cantos não tem comparáveis em toda a literatura de língua castelhana, que

Orgullosa de una tradición cultural en la que continúan actuando o predominando los vestigios de la dominación y la dependencia o, en todo caso, los signos de una hibridación que no ha alcanzado todavía a plasmar su propio sistema y pertinencia, los textos de esta literatura mestiza escrita en castellano, segregada de sus fuentes originarias, se apagan, carecen de consistencia y de verdad poética ante los destellos sombríos de los cantos indígenas tocados por el sentimiento cosmogónico de su fin último en el corazón de sus culturas heridas de muerte. (ROA BASTOS, 2011, p. 23)

Estas letras híbridas podem ser pensadas como a e o sentimento das margens, o texto ainda não escrito, o texto ausente que subjaz ao universo bivalente hispano-guarani. Vale ressaltar que em toda a sua produção, tanto ficcional como crítica ou política, Roa Bastos relembra essas particularidades da cultura paraguaia e valoriza as questões da tradição oral desse país, lugar rico em culturas e línguas. Aqui estamos diante de um espaço onde convive a língua de tradução de conhecimento, mas colonial, o castelhana e línguas de cultura, não apenas o guarani, mas todas as outras citadas nos textos das culturas condenadas, sendo portanto, impossível tratar dessas questões, se não com a perspectiva de um “outro paradigma”, pois a realidade do lócus ora tratado não se reduz ao uso de uma língua hegemônica.

Ainda vale ressaltar que não se trata de uma realidade de apenas línguas escritas, mas de muito valor à tradição oral, modalidade que consegue ressaltar a importância de memórias subterrâneas, memória que se opõe à memória oficial. (Michel Pollak, 1989, p. 4).

A tradição oral é de relevância singular na cultura paraguaia, Roa Bastos em sua obra *Yo el Supremo*, diz que a tradição oral é a única linguagem que não se pode saquear, roubar, repetir, plagiar, copiar. *Lo hablado vive sostenido por el tono, los gestos, los movimientos del rostro, las miradas, el acento, el aliento de quien habla*. (ROA BASTOS, 2008, p. 89). Em *Las culturas condenadas*, Roa ainda diz:

La oposición entre lo “dicho” en los cantos indígenas y lo “escrito en las letras paraguayas de escritura colonial, señala una distinción que considero significativa: la que va de lo vivo del ¿acervo oral, del pensamiento colectivo, a lo muerto de la escritura literaria, de carácter

siempre individual. El uno se genera y recrea a sí mismo sin cesar en módulos genuinos y no desarticulados todavía. En cambio, la literatura escrita en lengua “cultura” de sociedades dependientes y atrasadas como las nuestras, distorsiona y artificializa las modulaciones del genio colectivo; sobre todo en países como el Paraguay en cuya cultura se agudizan al máximo los problemas derivados del bilingüismo - guaraní/castellano- y la inevitable diglosia por la relación de dependencia entre la lengua “cultura” -dominante- y la lengua oral y popular -dominada-; escisión que determina el fenómeno de alienación cultural más peligroso en la base misma de una cultura que es la lengua. (ROA BASTOS, 2011, p. 24 e 25)

Com a consciência desse “multilinguajeo” é improvável pensar da maneira proposta pelas teorias modernas e não considerar um fazer descolonial, que leva em conta um pensamento fronteiriço, um modo de pensar que considera as sociedades vítimas do domínio e do extermínio de parte de sua população, cultura e língua. Também vale dizer que o intelectual latino-americano, nesse caldeirão linguístico cultural, jamais lograria êxito trabalhando de maneira ortodoxa e hegemônica.

CONSIDERAÇÕES

A obra de Roa Bastos, em especial *Las culturas condenadas*, sugere muito o que se investigar, ainda há muito o que dizer sobre a obra ora apresentada, mas o mais interessante aqui é a proposta de se refletir sobre as questões de uma América Latina como lugar de construção de saberes, lugar onde os sujeitos pensam e são pensados. Também continuar as reflexões sobre as questões linguísticas e culturais do Paraguai, pois a língua se mostra como estratégia de articulação nas relações sociais e de poder. Também poder pensar que latino-americanos devem exercer um paradigma outro ao pensar as questões do nosso lócus enunciativo. Que a academia deve primar e exercer uma desobediência epistêmica, ou seja, rechaçar, de forma consciente, os modelos e epistemologias sugeridas pela estética eurocêntrica.

REFERÊNCIAS

DUSSEL, Henrique. *1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade: Conferências de Frankfurt*. Trad. Jaime A. Clasen – Petrópolis, RJ, Vozes, 1993.

MIGNOLO, Walter. *Historias locales/ Diseños globales*. Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo. Madrid: Ediciones Akal, 2013.

MIGNOLO, Walter. *Desafios decoloniais hoje*. In: Epistemologias do Sul, Foz do Iguaçu, PR, 2017.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Trad. Dora Rocha Flaksman. In: Estudos históricos, vol. 2, n. 3, 1989.

ROA BASTOS, Augusto. *Yo el Supremo*. Buenos Aires: Debolsillo, 2008.

ROA BASTOS, Augusto (comp.). *Las culturas condenadas*. Servilibros, Asunción, PY, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Descolonizar el saber, reinventar el poder*. Ediciones Trilce, 2010

Data de recebimento: 29/03/2022

Data de aprovação: 08/06/2022